



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à rádio Banda B/AM 550**

**Curitiba-PR, 12 de março de 2010**

**Jornalista:** Oi, oi, gente querida. Já estamos aqui no aeroporto internacional Afonso Pena. Estamos aqui em uma sala, estamos recebendo aqui, com todo o prazer, o presidente Lula, que vem ao Paraná para uma série de inaugurações.

Presidente Lula... bom dia, Presidente.

**Presidente:** Bom dia, Luiz Carlos Martins. Bom dia, ouvintes da rádio Banda B AM, e bom dia, povo do estado do Paraná.

**Jornalista:** É uma satisfação o senhor vir ao Paraná para fazer várias inaugurações.

**Presidente:** Olhe, eu venho ao Paraná, primeiro, para fazer uma coisa que eu deveria ter vindo já há algum tempo atrás, que era visitar a reforma da refinaria da Petrobras aqui no estado do Paraná, por conta da modernização da nossa refinaria para produzir um combustível de melhor qualidade. É um investimento muito grande e é um investimento que tem gerado muitos empregos aqui na Petrobras e no estado do Paraná, e um compromisso meu com a Petrobras, de visitar todas as obras de refinaria que eles estão fazendo. Praticamente todas passaram por um processo de remodelação.

Segundo, eu tenho o compromisso de visitar aqui a Positivo desde que nós criamos o programa Computador para Todos, e é a oportunidade que eu tenho de fazer uma visita. E depois nós vamos a Londrina para anunciar o programa Minha Casa, Minha Vida, e também para inaugurar a contratação de mais de 2 mil funcionários num *call center*, em Londrina.



Bem, para mim é sempre uma alegria vir ao estado do Paraná e poder discutir política, poder discutir as coisas boas que acontecem neste estado e que acontecem no Brasil.

**Jornalista:** Presidente Lula, o senhor fez curso pelo Senai. Quantos anos o senhor tinha?

**Presidente:** Ah, eu tinha...

**Jornalista:** Dezoito anos?

**Presidente:** Não, não, eu tinha 15 anos quando eu entrei no Senai.

**Jornalista:** Então, exatamente em cima disso. Qual o conselho que o senhor daria para os jovens hoje?

**Presidente:** Olhe, primeiro, Luiz Carlos, deixe eu dizer para você que eu estou aqui com, além da presença do governador do estado, Roberto Requião, a ministra Dilma Rousseff que me acompanha nesta viagem. E o nosso companheiro Pessuti...

**Jornalista:** Pessuti.

**Presidente:** ...nosso vice-governador....

**Jornalista:** O prefeito de São José dos Pinhais.

**Presidente:** O prefeito de São José dos Pinhais...



**Jornalista:** O Ivan Rodrigues.

**Presidente:** Eu penso que tudo o que o poder público fizer para ajudar a juventude no seu processo de formação é um investimento extraordinário. Eu digo, em todas as conversas que eu tenho com a juventude, que graças a um diploma do Senai eu pude ter um emprego razoável numa empresa onde trabalhei 17 anos, eu pude ir para o Sindicato, e depois virar presidente da República.

Um homem com uma formação profissional, ele passa a ser um cidadão de primeira classe, porque eu também sei o que é uma pessoa procurar emprego quando ela tem uma profissão e o que é uma pessoa procurar emprego quando não tem uma profissão. Quando você tem uma profissão, que você chega numa empresa, mesmo que não esteja precisando naquele momento, a empresa pega o teu currículo e coloca lá numa gaveta. Quando você não tem profissão, simplesmente ela fala: "Não precisamos". Você não é tratado com a dignidade que um ser humano tem que ser tratado. E depois, você vai ganhar um pouco mais. Depois você vai poder ganhar... Você veja, eu sou filho... tenho oito irmãos e, por conta do meu diploma no Senai, eu fui o primeiro a ganhar mais que o salário mínimo, eu fui o primeiro a ter um carro, o primeiro a ter uma casa, o primeiro a ter uma televisão.

**Jornalista:** De todos os irmãos.

**Presidente:** De todos os irmãos. Tudo por conta de uma profissão. Então, eu tenho dito para a juventude: olha, aproveitem esse momento... Eu sei que você convencer um moleque de 16, 17 anos a estudar é muito difícil porque ele quer brincar, ele quer estar na rua, ele quer estar fazendo qualquer outra coisa. Mas ele também tem que saber que essa é a grande oportunidade, porque o que ele não fizer agora, ele pagará um preço muito alto no futuro. Quando ele



estiver pensando em casar, constituir família, é que ele vai sentir o baque de não ter estudado quando ele poderia ter estudado. E, muitas vezes, somente o tempo se encarrega de dar, para a gente, as lições que a gente não quis aprender, que a gente não quis ouvir... os conselhos que a gente não quis aprender do pai e da mãe.

E uma outra coisa sagrada, Luiz Carlos, é que para um pai ou para uma mãe não tem nada mais sagrado... Eu acredito que o patrimônio mais importante que um pai e que uma mãe querem deixar para os seus filhos, sejam homens ou mulheres, é uma formação profissional, que eles possam ter um curso, que eles possam fazer uma universidade e que eles possam estar qualificados, porque é isso o que vai credenciar esse menino ou essa menina a poder transitar no território nacional ou fora do território nacional com a perspectiva de ter sempre oportunidade de trabalho.

Fora disso... eu fico imaginando, sobretudo, no caso da mulher. A mulher com profissão, ela ganha uma dupla independência. Primeiro, porque tem muitas mulheres, ainda hoje no Brasil – e isso é lamentável –, que vivem casadas com, às vezes, um marido agressivo com elas e elas vivem por conta da dependência econômica. Se essa mulher tivesse uma profissão, essa mulher tivesse um emprego e essa mulher ganhasse um salário, ela vai [iria] viver com o homem que ela quer viver porque ela gosta dele e não porque ele está levando um prato de feijão para casa.

Então, é isso que uma formação escolar adequada, uma formação profissional, uma universidade dá ao ser humano, e é por isso que nós, então, acreditamos tanto na formação profissional da nossa juventude.

**Jornalista:** Mas as mulheres hoje estão conquistando bastante espaço, não é?

**Presidente:** Olhe, eu acredito que as mulheres estão ocupando o espaço que já deveriam ter ocupado há muito tempo. É importante a gente não lembrar... a



gente não esquecer nunca que, na década de 30, foi quando a mulher conseguiu conquistar o seu direito de voto. A primeira mulher brasileira a votar foi na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Ela foi para a Justiça e conseguiu o direito de votar. A gente está falando da Nação... são 60 e poucos anos, 70 anos em que a mulher brasileira não votava. Até outro dia, a mulher não podia andar de calça comprida na rua. Então, eu penso que a conquista das mulheres, o avanço da conquista de gênero é uma coisa que só fortalece a democracia, só ajuda o desenvolvimento de uma nação.

E, no caso do Brasil, é importante, primeiro, porque as mulheres são maioria, são maioria, ou seja, tem 52% de mulheres e 42% de homens. Isso já é um dado muito importante. O segundo é que as mulheres estão se qualificando. Se você pegar as vagas do ProUni, se você pegar vários cursos que nós estamos fazendo, tem uma participação majoritária das mulheres. Significa que elas são mais aplicadas e elas, por isso, estão assumindo mais responsabilidades. Acabou, definitivamente, acabou no Brasil o tempo em que a mulher era objeto, o tempo em que a mulher era tratada como se fosse uma cidadã de segunda categoria. Hoje ela não quer ser mais; ela quer apenas ter respeitabilidade, ela quer ter dignidade e ela quer ser respeitada profissionalmente.

E eu digo sempre nos meus comícios, nos meus atos: governar um país, governar um estado, você não tem que ficar inventando muita coisa, você não tem que ficar inventando. É só você olhar o que uma mãe faz dentro de casa. Você tem que cuidar das pessoas mais ou menos de forma justa, equânime. Uma mãe que tiver dez filhos, ela vai sempre tratar com um carinho especial aquele que está mais frágil, aquele que está doentinho, aquele mais debilitado, aquele mais magrinho. É assim que o governo tem que agir. Embora você possa governar para todos, você precisa tratar das pessoas que mais necessitam do Estado.



**Jornalista:** O senhor gosta... O senhor gosta de palanque, não é?

**Presidente:** Eu...

**Jornalista:** Comício.

**Presidente:** ...gosto, gosto.

**Jornalista:** Comício.

**Presidente:** Gosto, gosto.

**Jornalista:** Por é que o senhor gosta de comício?

**Presidente:** Porque eu acho... Eu devo gostar de comício o tanto que você gosta de ficar na frente do microfone, fazendo o programa, há quantos anos... Porque eu acho que essa, essa... o fato de você interagir com as pessoas...

**Jornalista:** É olho no olho.

**Presidente:** Ah, eu gosto de falar olhando na cara das pessoas. Eu fico sempre olhando. Tem gente que fala olhando para cima, tem gente que fala olhando para baixo. Eu gosto de encarar algumas pessoas e ficar olhando qual a reação das pessoas em função de cada palavra que eu falo e, a partir dali, é que eu vou mudando de comportamento, falando mais ou falando menos. Porque a gente percebe, também, quando as pessoas estão gostando...

**Jornalista:** Ou não, não é?



**Presidente:** ...ou não do que a gente está falando, a gente percebe. A gente pode não parar porque é cara de pau, mas, na verdade, você percebe. Você percebe quando você está agradando, quando não está agradando, porque você vê isso no olhar da pessoa. Você vê isso nos gestos labiais que as pessoas fazem. Eu tenho muitos anos de comício e de porta de fábrica. Eu fiz muita porta de fábrica, Luiz Carlos Martins.

**Jornalista:** É?

**Presidente:** Eu fazia porta de fábrica às 2h da manhã, à 1h20 da manhã, às 4h30 da manhã, às 5h da manhã, às 6h da manhã, às 7h da manhã, às 8h da manhã, para os mensalistas, ao meio-dia, às 2h da tarde, às 5h da tarde, às 6h da tarde, durante dez anos da minha vida. Tinha época que a gente fazia assembleia permanente, ou seja, você terminava uma assembleia... a cada hora era uma fábrica que entrava, era... Então... Eu tenho até dois calos na garganta, que eu não tive coragem de tratar. Os bichos já estão secos aqui na garganta e eu não quis tratar porque... eu tenho esta voz meio rouca e as pessoas conhecem quando eu falo. Eu falei: vai que eu opere e a minha voz fique diferente. Não, então...

**Jornalista:** E os imitadores, como é que vão fazer, hein? Qual é o melhor imitador, hein?

**Presidente:** Ah, eu não sei, não.

**Jornalista:** Hã?

**Presidente:** Eu não sei. Eu acho que o melhor imitador da gente é a gente mesmo, porque a cada dia que passa você vai aprendendo uma coisa nova,



você vai evoluindo, você vai aprendendo com aquilo que você vê os outros falarem antes e você vai sempre evoluindo. Tem gente engraçada...

**Jornalista:** Tem?

**Presidente:** ...tem gente engraçada. Esses dias, teve um cara da Austrália que estava marcando uma entrevista comigo, o rádio, e ele aqui no Brasil falava como se fosse o Lula dando a entrevista, e o jornalista da Austrália desconfiou: “Como é que eu consigo falar com o Presidente com tanta facilidade e marcar uma audiência?” Aí fomos descobrir, era um cidadão me imitando, que estava dando a entrevista. Vai saber para quantos lugares ele deu entrevista!

**Jornalista:** É verdade. O que mais o deixa feliz, Presidente?

**Presidente:** Olhe, eu acho que... eu sou um homem que tem razões de sobra para ser feliz. Eu acho que Deus foi generoso comigo, acho que Deus foi muito generoso. Eu sou um homem que tem que levantar todos os dias, olhar para o céu e agradecer a Deus porque eu acho que Deus me deu aquilo que, possivelmente, pouca gente acreditava que eu pudesse conseguir. E eu acho que isso só pode acontecer porque tem um ser superior que norteia os passos da gente.

**Jornalista:** O senhor sente isso?

**Presidente:** Eu sinto e o mais importante é que eu preciso disso.

**Jornalista:** Todos nós precisamos disso ou não?

**Presidente:** Eu sei que tem gente que, para ser autossuficiente, fala que não



acredita, tem gente que fala que não sei das quantas. Eu estou bem do jeito que eu estou, estou bem do jeito que eu estou. Eu sou um homem que agradeço todo santo dia a Deus porque eu consegui, depois de muita luta, fazer aquilo que eu acreditava que poderia ser feito no Brasil.

**Jornalista:** Presidente, eu tenho certeza que todos gostariam de fazer uma pergunta para o senhor, os milhares de ouvintes que estão nos acompanhando agora, ouvindo a rádio Banda B. O que é que mais irrita o senhor? Ou alguma coisa irrita o senhor? O que é que mais irrita?

**Presidente:** Muita, muita coisa me irrita. Quando o Corinthians perde, por exemplo.

**Jornalista:** Ah, isso. Do Corinthians, é, não é? Quando perde...

**Presidente:** Eu fico irritado.

**Jornalista:** Eu tenho dois cunhados que são assim também, o prefeito também...

**Presidente:** Eu fico muito irritado. Agora, o que me irrita profundamente é quando, quando você governa, que você decide uma coisa e que essa coisa não acontece.

**Jornalista:** É mesmo?

**Presidente:** É, muitas vezes, no governo você toma uma decisão, todo mundo está de acordo e, de repente, você percebe que há um emperramento burocrático e que a coisa não anda. São tantas instituições de fiscalização que



you have in Brazil today, that a decision of yours, for it to function... between you deciding to do a work, you do the project, you have the previous license, then you have... pass through the Tribunal de Contas, then pass through the public hearing, then pass through the Ministério Público. Until you do this work, if it is not a Power... if it does not fall into the hands of the Judiciary, sometimes you take three years to do a... to start a work.

**Jornalista:** O senhor tinha consciência disso?

**Presidente:** Eu conto...

**Jornalista:** O senhor tinha consciência disso?

**Presidente:** Eu tinha consciência porque eu sou parte integrante daqueles brasileiros que, when they make opposition, they think they will never reach the government, and they are creating obstacles for those who govern. This is the truth, this is the truth. It is that when you are in opposition, you do not care to vote on a law project, for as long as it makes it difficult for those who are in government.

Then, see, I am favorable to any and all fiscalization, that if it were done 24 hours a day, via satellite, it happens that things become complicated. Many times people raise suspicions about a work. Correct! Here it sends to paralyze the work. After eight months of the work being paralyzed, they reach the conclusion that the suspicion was unfounded. Now, who paid the loss of eight months of the work being stopped? It does not appear. The Brazilian people pay, because they do not have the work.

Then, it was necessary to find new mechanisms. I want to see if I can leave this contribution when I leave the Presidency. This is a year that does not advance sending a law project to the National Congress to change nothing because it



um ano eleitoral, mas eu penso que nós vamos ter que tornar mais ágil, ou seja, mais transparente e, ao mesmo tempo, mais ágil. Dar tempo para as pessoas fazerem as coisas, para as pessoas darem uma licença, para as pessoas fazerem uma fiscalização, fazerem uma auditoria. Tudo tem que ter um certo tempo, senão, as coisas não acontecem.

Esses dias eu estava discutindo com um grupo de companheiros. Hoje, um governador de estado e um presidente da República não conseguem fazer uma obra estruturante em um mandato de quatro anos, não conseguem fazer nenhuma obra estruturante em um mandato de quatro anos. Se eles tiverem que fazer o projeto – o projeto básico, o projeto executivo –, pedir licença, conseguir a licença, enfrentar uns problemas... Porque, o que acontece? Você faz uma licitação. Você vai lá, vai ganhar quem oferecer a proposta mais barata. É importante lembrar que nem sempre o mais barato é viável, porque tem muitas empresas pequenas que fazem um preço barato, e quando começa a obra, ela não tem fôlego, ela para.

E aí... então, muitas vezes você faz um processo de licitação. Aí, você ganha a licitação. Eu perdi, eu vou para a Justiça fazer dezenas de acusações a você. Aí fica parada a obra um ano, dois anos, três anos até chegar à conclusão de que não teve nada. Aí pronto!

**Jornalista:** Isso deixa o senhor irritado.

**Presidente:** Ah, me deixa profundamente irritado. O excesso de burocracia... Porque é assim: nós temos uma máquina hoje no poder público brasileiro – eu penso que isso vale para a prefeitura, vale para os estados e vale para o governo federal –, você tem uma máquina de execução mais frágil e mais mal-remunerada. Muita gente diz que o setor público paga muito bem, mas eu estou cansado de ver, estou cansado de ver a iniciativa privada pegar funcionários do Estado, que ganham R\$ 15 mil, para ganhar 100 [mil], para



ganhar 150 [mil], para ganhar 80 [mil], para ganhar 90 [mil]. Conheço alguns, que ganhavam R\$ 26 mil na Petrobras, que foram ganhar 200 [mil] por mês, recebendo dois anos adiantados. Então, o Estado vai... O Estado, então, é assim: você tem uma máquina de execução frágil, mal-remunerada. Você tem engenheiros do Dnit ganhando R\$ 3 [mil] ou R\$ 4 mil. Aí você tem um menino jovem, do Tribunal de Contas, que fiscaliza a obra, que ganha 14 [mil], 15 [mil], 16 [mil], 17 [mil]. Então você tem uma máquina de execução mal-remunerada e você tem uma máquina de fiscalização altamente modernizada. Então, há um descompasso, que é preciso fazer um ajuste para as coisas poderem andar.

**Jornalista:** O Paraná, então, sofreu com isso também, em relação a verbas federais, ou não?

**Presidente:** Eu acho que todos...

**Jornalista:** A projetos?

**Presidente:** Eu acho que todos...

**Jornalista:** Todos sofreram.

**Presidente:** Todos, todos, todos sem distinção...

**Jornalista:** Por causa dessa burocracia?

**Presidente:** ...porque é um problema crônico, que nós somos culpados. Nós que fizemos a Lei de Licitação, nós que criamos as instituições, e muitas vezes criamos com boa intenção, com boa vontade. Mas, por exemplo – não sei se você viu esses dias –, nós pegamos a licença para fazer a hidrelétrica de Belo



Monte. Ora, o que aconteceu na semana seguinte? Algumas pessoas do Ministério Público passaram a fazer ameaças às pessoas do Ibama que tinham concedido a licença. Então... dentro do próprio estado. E aí o que acontece? A pessoa que deu a licença - aqui, aqui no governo do estado, numa prefeitura - a pessoa que dá a licença, se ela cometeu algum problema qualquer, ela tem - a primeira coisa - seus bens disponibilizados, essa pessoa vai ser processada, essa pessoa tem que contratar advogado e pagar do seu bolso, do seu bolso. Agora, quem fez a acusação, se não tiver procedência, paga o quê? Então, é preciso que a gente tenha corresponsabilidade, corresponsabilidade, para que as pessoas, ao fazer as acusações, façam com conteúdo, com prova, porque senão atravanca.

Essa é uma coisa que eu lamento. Lamento porque... Eu vou te contar um exemplo, para você ter noção. O nosso querido túnel na BR-101, vindo de Osório, lá no Rio Grande do Sul, para Santa Catarina. É um túnel grande. Nós tivemos vários problemas. Primeiro, porque tinha um quilombo lá em cima, e depois passamos tempo para conseguir resolver o problema. Depois, quando começamos a cavar o buraco do túnel, aí encontrou-se uma perereca, uma rãzinha. Aí levantaram a ideia de que a perereca estava em extinção, aí a obra parou seis meses, até provar que não estava em extinção.

**Jornalista:** A perereca não está em extinção?

**Presidente:** Não está em extinção, mas foram seis meses [de paralisação da] obra. Noutro dia, lá no Canal do São Francisco, uma antropóloga achou uma pedra e ela achou que era uma machadinha indígena, e aí suspendeu a obra na hora. Mas depois de seis ou sete meses, chegou-se à conclusão que não era machadinha indígena coisa nenhuma. Eu fico me perguntando: quem é que fica com o prejuízo de uma obra de milhões e milhões e milhões ficar parada seis meses?



**Jornalista:** Tem gente que não quer que o Brasil vá para a frente, então?

**Presidente:** Não é que não quer. Eu nem diria que as pessoas são más. É importante que a gente tenha essas pessoas, que também não deixem degradar, que não deixem fazer... É importante que a gente tenha. Só que nós precisamos estabelecer critério, normatização. Você não pode parar uma obra, a não ser que você tenha provas contundentes de alguma coisa altamente errada. Aí você manda logo para a cadeia. Mas, às vezes, é assim...

Esse é o Brasil que nós criamos. Ninguém, individualmente, tem culpa. Eu, possivelmente, quando fui constituinte tenho a minha culpa; eu, possivelmente, quando fui oposição, tenho a minha culpa. Acho que todos nós temos um pouco de culpa. Agora, eu, como estou já há sete anos, estou constatando que é preciso que a gente faça mudanças para melhorar. Pode-se aumentar a fiscalização, pode-se aumentar a transparência. Você veja, eu, agora, por conta das Olimpíadas e por conta da Copa do Mundo, eu já fiz um decreto obrigando que cada centavo gasto por conta da Copa do Mundo ou por conta das Olimpíadas entre direto no site da Controladoria-Geral da República e no site do governo. Nós, agora, criamos o Portal Brasil, que vai ser o *Google* do Estado brasileiro, não é do governo Lula, é do Estado brasileiro. Então, as pessoas vão saber de tudo o que acontece no Brasil, em tempo real, para que as pessoas possam melhor ajudar a fiscalizar e melhor [ajudar] a governar o Brasil.

**Jornalista:** Presidente Lula, o senhor tem um pique, não é, muito forte, agenda fortíssima, o senhor não para. O que o senhor toma, o que o senhor faz para suportar todo esse pique aí?

**Presidente:** Olhe, eu...



**Jornalista:** O coração vai bem, não é?

**Presidente:** Nós tínhamos um companheiro chamado Ulysses Guimarães, que eu ficava maluco de ver aquele senhor sentado àquela mesa do Congresso Nacional, às vezes ficava dez, doze horas sentado lá, e eu ficava boquiaberto: como é que o Ulysses Guimarães não ia nem ao banheiro! Ele não se levantava! Eu falava: acho que ele mandou travar a bexiga, não é possível que alguém não se levante! Aí, eu ia conversar: Ulysses, como é que você... Nós fizemos a campanha das Diretas juntos, eu viajei muito com o Ulysses Guimarães pelo Brasil afora, e eu falava: Ulysses, como é que você aguenta? Ele falava: “Ô Lula, a política é o meu orgasmo”; a política é o orgasmo do político, ou seja, ele na política, ele esquece tudo! Você viu o Zé Alencar, como está bom?

**Jornalista:** O Zé Alencar, não é?

**Presidente:** Você viu o Zé Alencar? Os médicos achando que o Zé Alencar estava...

**Jornalista:** Já estava indo...

**Presidente:** Rapaz, o Zé Alencar está... Ontem eu conversei com ele. Ele está um menino, ele está um menino! Me parece que o tumor dele, que tinha 14 milímetros, está só com 3 [milímetros]! E você não sabe a vontade dele de participar da política! Não se sabe o que ele quer ser, ainda. Mas...

**Jornalista:** O que ele vai ser?



**Presidente:** Ele voltou a ser um menino, rapaz! Ele, ele... um menino com maior sabedoria do que um recém-nascido, porque ele passou muito tempo dizendo: “Ah, a minha vida acabou, a minha vida acabou”. De repente, ele descobre que Deus não está querendo ele lá agora. Que Deus, eu acho, está dando para ele mais uma função aqui. Então, ele quer ser candidato a qualquer coisa. Eu tenho (incompreensível) uma conversa com ele...

**Jornalista:** Então, candidato a que, hein?

**Presidente:** Não sei. Ele, agora, tem o direito de ser candidato ao que ele quiser.

**Jornalista:** A governador de Minas?

**Presidente:** Então, eu penso que é o seguinte: nós, nós, políticos, precisamos cuidar do seguinte: primeiro, nós temos que cuidar da saúde, porque... Toda vez que eu encontro com o Requião, eu falo: você precisa cuidar da pressão todos os dias. Eu meço a minha pressão todos os dias. Eu tenho uma pressão altamente regular.

**Jornalista:** De menino.

**Presidente:** 11 x 7...

**Jornalista:** 11 x 7 ?

**Presidente:** ...todo santo dia. Quando ela está mal, quando ela está mal, que eu faço qualquer extravagância, ela fica 13 x 8. Mas em 90% do tempo é 11 x 7, seja de manhã, de tarde ou de noite.



**Jornalista:** Maravilha, hein? Quando o Corinthians perde...

**Presidente:** No jogo do Corinthians, por exemplo...

**Jornalista:** Se ele pegar o Santos agora, hein?

**Presidente:** ...com o Independiente Medellín, esta semana, eu acho que a pressão chegou a uns 14 x (incompreensível)

**Jornalista:** O senhor não quer que o Corinthians enfrente o Santos não, não é?

**Presidente:** Eu quero!

**Jornalista:** É mesmo?

**Presidente:** Quero! Não, o Santos também é demais, o Santos, olhe, o Santos está parecendo... é um time de beija-flor e os outros estão parecendo um time de patos, porque é muito (incompreensível) aquela molecada do Santos é muito alegre. Deus me livre!

**Jornalista:** Presidente...

**Presidente:** Mas então é isso, então eu acho que a gente tem que se cuidar, porque também a gente tem o hábito de achar que a gente... dá enfarto no vizinho, é só o vizinho que vai pegar a gripe suína, é só o outro que vai pegar isso. Então, a gente tem que ter cuidado e se cuidar direitinho. Você não pode vacilar porque a morte esta por aí.



**Jornalista:** Presidente Lula, eu sei que o senhor gosta muito do Paraná. Estrategicamente, Presidente, eu estava pensando aqui... estrategicamente, qual a importância do Paraná nas eleições deste ano?

**Presidente:** Olha, o Paraná... o Paraná, independentemente de eleições, é um estado hoje muito importante para o Brasil, é uma das economias mais fortes do Brasil, aqui. O estado do Paraná, então...

**Jornalista:** Ele está colocando, agora, o chapéu da Banda B, viu? (risos)

**Presidente:** É que... isso aqui é porque o Stuckinha não estava me vendo. Para eu ficar mais aparecido, então, eu coloquei o chapéu amarelo, aqui. Mas, então, eu penso que o Paraná é muito importante. O Paraná é importante do ponto de vista político, para o Brasil, é importante do ponto de vista eleitoral, é importante do ponto de vista econômico, é importante do ponto de vista da sua capacidade tecnológica, da sua capacidade agrícola. É um dos estados mais preparados e mais avançados do Brasil. Então, eu penso que qualquer pessoa que queira governar o Brasil tem que passar bem pelo teste do Paraná. Eu acho que é isso, eu acho que se a pessoa que eu quero que seja presidente está me ouvindo, ela tem que vir ao Paraná muitas vezes.

**Jornalista:** Se a pessoa que quer ser presidente está te ouvindo, tem que vir muitas vezes para cá e fazer o que aqui?

**Presidente:** Muitas vezes ao Paraná. Não, e veja, eu... (risos)... Eu trabalho, eu trabalho com a idéia... aqui no estado do Paraná a gente deveria trabalhar tentando construir o máximo de unidade possível entre os partidos que compõem a base do governo em nível federal. Isso é muito fácil de falar, muito



difícil de fazer. Isso tem problemas sérios, ou seja, não é uma coisa simples. Na prática, a teoria é bem mais complicada, ou melhor, a teoria, na prática, é mais complicada. Então, eu acho, eu acho que a Dilma, se ela for a candidata, porque isso vai definir oficialmente em junho, com todos os partidos políticos, eu acho que o Paraná deve ser um estado que ela tem que priorizar nas suas conversas. Ela mantém boas relações aqui com o governador Requião, mantém relações com o PMDB, relações com outros partidos políticos. É preciso construir. Você sabe que nem sempre é possível, mas nós precisamos tentar fazer o máximo possível para construir uma aliança política e oferecer ao povo do Brasil um pouco mais de certeza de que nós vamos ter um bloco mais compacto para governar o Brasil nos próximos anos.

**Jornalista:** Fora do seu expediente de trabalho, o senhor ouve... o senhor é procurado para ser ouvido, não é? Afinal de contas...

**Presidente:** Não, eu converso, eu converso muito, até no horário de trabalho. Política é...

**Jornalista:** Não, eu digo em termos de sucessão, não é? Por exemplo,...

**Presidente:** Eu não tenho, deixe eu falar, eu não tenho...

**Jornalista:** ...quando o senhor falou de alianças aí, é a sucessão estadual, o senhor diz?

**Presidente:** Não, estadual e nacional.

**Jornalista:** E nacional.



**Presidente:** Veja, eu sou um político, então eu tenho que conversar com as pessoas. Obviamente que eu estou esperando chegar o prazo do afastamento legal de quem tem que ser candidato, que essas pessoas vão ter mais mobilidade. E eu tenho conversa com os presidentes dos partidos, eu tenho conversa com os governadores, eu tenho conversa com os candidatos a alguma coisa. Isso faz parte da rotina do Presidente da República.

**Jornalista:** No Paraná está difícil ou está muito fácil essa aliança?

**Presidente:** No Paraná, no Paraná tem complicações. E nós teremos complicações toda vez que você tem mais que um candidato. Isso é bom para a democracia, extraordinário para a disputa política, mas isso, do ponto de vista de quem constrói a unidade, é sempre mais complicado. Mas também não é a primeira vez que a gente tem problema no Paraná, não é a primeira vez que tem problema em São Paulo, ou seja, isso faz parte da democracia, nós temos que conviver com isso e trabalhar, e não fechar as portas das boas relações que você construiu ao longo dos anos. Isso é que eu acho importante.

**Jornalista:** Presidente Lula, eu agradeço muito, viu, a sua presença aqui na rádio Banda B, conversando e batendo esse papo, porque na verdade não foi uma entrevista, foi um bate-papo. O senhor é uma pessoa simpática, cativante e isso é muito importante. A gente poderia ficar aqui três, quatro horas, e eu tenho certeza de que os ouvintes não iam desligar o rádio, pelo contrário, o vizinho ia começar a avisar o outro: “Ó, ligue o rádio aí na rádio Banda B, que o presidente Lula está falando”. Eu estou honrado, assim, de conversar com o senhor, viu?

**Presidente:** É, eu estranho porque é a primeira vez que eu estou dando uma entrevista aqui, para você, depois de Presidente da República. Isso poderia ser



uma vez por semana, uma vez por mês, uma vez ...

**Jornalista:** E por que não, não é?

**Presidente:** Mas você sabe, Luís Carlos, que eu tenho uma preferência por dar entrevista em rádio.

**Jornalista:** Em rádio, é?

**Presidente:** Primeiro, porque é sempre ao vivo. É uma vantagem você poder falar ao vivo e não ser vítima de interpretação, isso é sempre muito ruim. A segunda coisa é que pelo rádio as pessoas não vêem a cara da gente. Quando você é muito bonito, você quer ser visto a toda hora. Mas quando você não é, então... Não tem importância que as pessoas não vejam, mas as pessoas vêem [ouvem] a voz. Então, você precisa ser cativante com a voz. E é muito importante. E a terceira coisa importante para uma rádio é que as pessoas ouvem a gente onde estão. Ninguém precisa parar de fazer o que está fazendo para ouvir a nossa conversa. O cidadão pode estar consertando o pneu de um carro, o cidadão pode estar trocando a roda de um carro, o cidadão pode estar mexendo na parte elétrica do carro, o cidadão pode estar...

**Jornalista:** ...fazendo almoço, agora.

**Presidente:** Pode ter uma companheira fazendo almoço, pode ter alguém vestindo o filho para ir para a escola, ou seja, ninguém precisa abdicar de nada do que está fazendo, pode continuar fazendo, e ainda... Você veja que é tão importante, que um torcedor mais fanático, ele vai ao estádio, ele está vendo o jogo, mas ele está com o rádio...



**Jornalista:** Com o radinho no ouvido, é.

**Presidente:** E veja que engraçado: tem gente, tem gente que liga a televisão para ver o jogo, tira o som da televisão e coloca o som...

**Jornalista:** ...do rádio.

**Presidente:** ...ver o locutor lá em cima.

**Jornalista:** É verdade.

**Presidente:** ...ele quer acompanhar aquele negócio. Porque o jogo transmitido na televisão fica assim, quase como se fosse uma... uma... um negócio... bola com o Requião, que passa para a Dilma, que passa para o Pessuti, olhou para o Lula, mas não passou, mas vai passar daqui a pouco... E o cara do rádio...

**Jornalista:** Olha...

**Presidente:** ...o cara do rádio, o cara do rádio canta, o cara do rádio, ele vai, sabe? Não é uma corrida de... o cara canta, o cara fala rápido, o cara... às vezes...

**Jornalista:** Emociona.

**Presidente:** Não, e às vezes a bola passa a três metros da trave e ele fala: "Passou raspando!".

**Jornalista:** Isso é emoção, não é?



**Presidente:** E você chega à fábrica, no dia seguinte, e você fala: puxa vida, aquele chute do Pessuti quase é um gol! Aí vai ver, passou três metros longe da trave! Então, eu acho que isso é a emoção que o rádio tem na relação íntima com as pessoas.

**Jornalista:** E é uma forma, é uma forma, então, de homenagear todos os radialistas.

**Presidente:** Daí porque a minha alegria de participar sempre de entrevista de rádio.

**Jornalista:** Eu quero dar um testemunho aqui, Presidente, um testemunho. Foi uma entrevista ao vivo, ao vivo, ministra Dilma, não é? Eu não fui pautado, não. Pelo contrário, me disseram assim: “Pergunte o que você quiser”. Isso é importante. Muito obrigado, Presidente.

**Presidente:** Muito obrigado a você, Luís Carlos, e até a próxima oportunidade. Obrigado pelo chapéu, obrigado pela camisa.

**Jornalista:** Pela camisa. GANHOU?

**Presidente:** E quando quiseres conversar um pouco, estarei à disposição.

**Jornalista:** Obrigado, hein!

**Presidente:** Um abraço.

**Jornalista:** E leve a Banda B no coração.



**Presidente:** Está bem. Um abraço, querido.

**Jornalista:** Gente querida, muito obrigado, felicidades, e até depois.

(\$31DHJLP)